



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

JOYCE DA SILVA CRUZ DE MENDONÇA

**ABRINDO HORIZONTES INCLUSIVOS: O ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE
SINAIS COMO L2 PARA CRIANÇAS OUVINTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO
INTERIOR DA PARAÍBA**

**GUARABIRA
2021**

JOYCE DA SILVA CRUZ DE MENDONÇA

ABRINDO HORIZONTES INCLUSIVOS: O ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO L2 PARA CRIANÇAS OUVINTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DA PARAÍBA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras- Português.

Área de concentração: Educação Inclusiva

Orientadora: Prof.^a Esp. Karla Valéria Araújo Silva.

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M639a Mendonça, Joyce da Silva Cruz de.

Abrindo horizontes inclusivos [manuscrito] : o ensino da língua brasileira de sinais como L2 para crianças ouvintes de uma escola pública do interior da Paraíba / Joyce da Silva Cruz de Mendonça. - 2021.

40 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Esp. Karla Valéria Araújo Silva , Departamento de Letras - CH."

1. Inclusão. 2. Ensino de Libras. 3. Formação. 4. Aluno-cidadão. I. Título

21. ed. CDD 371.912

JOYCE DA SILVA CRUZ DE MENDONÇA

ABRINDO HORIZONTES INCLUSIVOS: O ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO L2 PARA CRIANÇAS OUVINTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DA PARAÍBA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras- Habilitação Língua Portuguesa.

Área de concentração: Educação Inclusiva.

Aprovado em: 14/05/2021.

BANCA EXAMINADORA

Karla Valéria Araújo Silva
Prof.^a. Esp. Karla Valéria Araújo Silva (UEPB)
Orientadora

Danielle dos Santos Mendes Coppi
Prof.^a. Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi (UEPB)
1º Examinador (a)

Francyllayans Karla da Silva Fernandes
Prof.^a. Ma. Francyllayans Karla da Silva Fernandes (UEPB)
2ª Examinadora

*Ao meu amado Deus, aos meus pais,
irmãos e esposo, os quais se fizeram
presentes durante todo o percurso sendo
base e fôlego, DEDICO.*

“O destino das coisas e do mundo, somos nós que traçamos. Nessa aventura, a linguagem tem um poder central.”

Irané Antunes (2009, p.44)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Ensinando o alfabeto em Libras.....	21
Figura 2 –	Dinâmica do balão/datilologia.....	21
Figura 3 –	Aula dos números em Libras.....	22
Figura 4 –	Dinâmica com os números em Libras.....	22
Figura 5 –	Atividade relacionada as cores.....	23
Figura 6 –	Dinâmica com as cores em Libras.....	23
Figura 7 –	Palestra sobre os artefatos	25
Figura 8 –	Exibição da história do “Patinho Surdo”.....	25
Figura 9 –	Desfile Cívico.....	26
Figura 10 –	Representação do Artefato: Expressões faciais	26
Figura 11 –	Representação da Literatura Surda.....	27
Figura 12 –	Ditado da pipoca.....	28
Figura 13 –	Prática através do ditado.....	28
Figura 14 –	Exibição do desenho animado em Libras “Min e as mãozinhas”.....	29
Figura 15 –	Apresentação da música “vem que está chegando o Natal”	30
Figura 16 –	Festa de encerramento.....	30

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	INCLUSÃO SOCIAL: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO	9
3	BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA LIBRAS	12
3.1	Artefatos culturais do povo Surdo: algumas considerações	14
4	O ENSINO DE LIBRAS: O QUE É PREVISTO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS?	16
5	O PROJETO LIBRAS NA ESCOLA: CAMINHOS E POSSIBILIDADES	18
5.1	<i>Caracterização e contextualização da pesquisa</i>	19
5.2	<i>O projeto e suas etapas</i>	19
5.2.1	<i>Primeira etapa</i>	20
5.2.2	<i>Segunda etapa</i>	24
5.2.3	<i>Terceira etapa</i>	27
5.2.4	<i>Quarta etapa</i>	28
5.2.5	<i>Culminância</i>	29
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	32
	APÊNDICE A- TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	36
	APÊNDICE B- PLANO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	37

ABRINDO HORIZONTES INCLUSIVOS: O ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO L2 PARA CRIANÇAS OUVINTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DA PARAÍBA

OPENING INCLUSIVE HORIZONS: TEACHING THE BRAZILIAN LANGUAGE OF SIGNS AS L2 TO CHILDREN LISTENING TO A PUBLIC SCHOOL IN THE INTERIOR OF PARAÍBA

JOYCE DA SILVA CRUZ DE MENDONÇA¹

RESUMO

O processo de inclusão vem sendo um tema bastante debatido socialmente, pelo fato de termos a necessidade de ressignificar as práticas no âmbito escolar, os pensamentos e atos segregatórios. Desse modo, entende-se que o espaço educacional necessita de uma mudança significativa, para que, finalmente, essa inclusão aconteça de forma efetiva. É evidente a necessidade da sociedade se “despir” dos preconceitos enraizados, e a escola precisa validar essa luta, de modo que promova práticas inovadoras para garantia dos direitos de cada sujeito, respeitando suas particularidades. Nesse sentido, o ensino da Língua Brasileira de Sinais nas instituições de ensino superior é relativamente atual, mas essa não é ainda a realidade na educação básica. Sendo assim, acreditamos que a inserção da Libras como componente curricular na base poderá promover o conhecimento da língua e da cultura da comunidade Surda, possibilitando que cada indivíduo reflita sobre suas ações no que se refere à inclusão, não só da pessoa Surda, mas de todos os sujeitos. Considerando então este cenário, o presente trabalho objetiva em linhas gerais, apresentar e discutir os resultados da intervenção desenvolvida com crianças do fundamental I de uma escola municipal do interior da Paraíba. Sob esse viés, desenvolvemos na instituição um projeto intitulado *Libras na escola*, o qual teve como intuito gerar a possibilidade de proporcionar o conhecimento de uma nova língua na educação básica, visando o respeito às particularidades de cada indivíduo, enfatizando a importância da inclusão escolar. Além disso, nosso intuito era também levá-las a identificar e selecionar os sinais para uma possível comunicação/interação. A presente pesquisa é, pois, de abordagem qualitativa e se classifica como pesquisa-ação, visto que, esta contribui de forma significativa com a ação social. Como pressupostos teóricos, recorreremos aos seguintes autores: Mantoan (2003), Strobel (2008; 2009), Reily (2004), Quadros (2019) entre outros que contribuíram para a construção discursiva do trabalho. Concluímos que é possível o docente ser um agente social que ao intervir, ressignificar e transformar a sala de aula - mesmo com as limitações que o sistema emprega- em um palco de diversas discussões pertinentes e necessárias que promovem ao aluno uma visão mais ampla e empática do seu papel no mundo, tornando-o um aluno-cidadão consciente de suas ações.

Palavras-Chave: Inclusão. Ensino de Libras. Formação. Aluno-cidadão.

¹ Graduanda em Letras-Português, pela Universidade Estadual da Paraíba- Campus III. E-mail: joyce.cruz@aluno.uepb.edu.br

ABSTRACT

The inclusion process has been a topic widely debated socially, due to the fact that we need to reframe practices, segregating thoughts and acts in the school environment. Thus, it is understood that the educational space needs a significant change, so that, finally, this inclusion happens effectively. It is evident that society needs to “undress” of the deep-seated prejudices and the school needs to validate this struggle, so that it promotes innovative practices to guarantee the rights of each subject, respecting their particularities. In this sense, the teaching of the Brazilian Sign Language in higher education institutions is relatively current, but this is not yet the reality in basic education. Therefore, we believe that the inclusion of Libras as a curricular component in the base can promote knowledge of the language and culture of the Deaf community, allowing each individual to reflect on their actions with regard to inclusion, not only of the Deaf person, but of all subjects. Considering this scenario, the present work aims, in general, to present and discuss the results of the intervention developed with elementary school children from a municipal school in the interior of Paraíba. Under this perspective, we developed at the institution a project called Libras at school, which aimed to generate the possibility of providing knowledge of a new language in basic education, aiming at respecting the particularities of each individual, emphasizing the importance of school inclusion. In addition, our aim was also to get them to identify and select the signs for possible communication / interaction. The present research, therefore, has a qualitative approach and is classified as action research, since it contributes significantly to social action. As theoretical assumptions, we used the following authors: Mantoan (1997; 2003), Strobel (2008; 2009), Reily (2004), Sacks (1990), Quadros (2019) among others who contributed to the discursive construction of the work. We conclude that it is possible for the teacher to be a social agent who, by intervening, resignifies and transforms the classroom - even with the limitations that the system imposes - in a stage of several pertinent and necessary discussions that promote the student a broader and more empathic view of his role in the world, making him a student-citizen aware of his actions.

Keywords: Inclusion. Libras Teaching. Formation. Student-citizen.

1 INTRODUÇÃO

O tema inclusão vem sendo discutido desde a década de 90, mas ainda há várias barreiras a serem desconstruídas, visto que, não só no campo social, mas também no educacional, essa perspectiva ainda é um desafio. A construção de um espaço educativo/instrutivo com horizontes inclusivos requer modificações no que se refere ao ambiente, ou seja, a estrutura, como também às questões psíquicas, pois sabemos da existência dos pré-conceitos historicamente construídos. Dessa forma, entendemos a necessidade de adotar novas práticas escolares, a fim de ressignificar as ações segregacionistas e atitudinais por parte dos profissionais que atuam nesse espaço. Logo, faz-se necessário enfatizar que uma formação adequada e continuada é indispensável para um fazer docente empático/humanista. Assim sendo, é importante ressaltar que cabe às instituições formadoras assumirem uma posição mais responsável sob esse viés, de forma que versem em suas salas de aula sobre essas temáticas visando contribuir para a construção de uma sociedade

que respeite as singularidades e particularidades de cada sujeito. Por esse ângulo, realizamos a presente pesquisa no intuito de contribuir para uma construção de uma sociedade que respeite às diferenças.

Na tentativa de corroborar com essa perspectiva, criamos um projeto que visou levar para sala de aula discussões acerca da inclusão do sujeito Surdo, de sua cultura e de sua língua. Esta, falada por uma minoria linguística, denomina-se Língua Brasileira de Sinais, a qual é tida como meio de expressão legal dos Surdos brasileiros após uma trajetória de muita luta. Para tanto, elencamos como objetivo geral desta pesquisa discutir os resultados de uma intervenção pedagógica, que teve como intuito gerar a possibilidade de proporcionar o conhecimento de uma nova língua na educação básica, visando o respeito as particularidades de cada indivíduo, enfatizando a importância da inclusão escolar. Assim, catalogamos os seguintes objetivos específicos: a) discutir sobre inclusão em termos gerais e, de forma específica, a dos Surdos, b) refletir sobre a importância de versar sobre essa temática em sala de aula, c) desenvolver uma conscientização sobre a importância do conhecimento da Libras de sua relevância para práticas educacionais inclusivas.

No que se refere ao desenvolvimento deste trabalho, ele se alicerça numa abordagem qualitativa, a qual analisa vivências individuais em um meio social específico. É uma pesquisa-ação, a qual possibilita o entendimento e reflexão das práticas vivenciadas pelo pesquisador com ênfase no social, e também beneficia de forma direta e indireta os sujeitos envolvidos. Só foi possível versar sobre essa temática a partir de um acervo de fontes bibliográficas, a exemplo de: Mantoan (2003) que versa sobre inclusão, Strobel (2008; 2009) que aborda a história da Libras e os artefatos culturais do povo Surdo, Reily (2004) que trata da perspectiva da escola inclusiva, entre outros. Desse modo, justificamos que a motivação desse trabalho surgiu a partir de uma inquietação vivenciada no espaço escolar pela pesquisadora, onde a mesma passou a notar que um dos seus alunos sentia-se envergonhado por ter uma mãe Surda. Logo, tal acontecimento passou a ser o fator crucial que a levou a realizar um projeto pedagógico conscientizador acerca da inclusão.

O porquê social dessa temática, justifica-se por entendermos a sua relevância para a desconstrução dos preconceitos construídos acerca da pessoa com deficiência. Dessa forma, fez-se necessário propiciar reflexões acerca da temática na sala de aula para promover o respeito às diferenças. Alega-se de modo científico a sua relevância para a construção de um fazer pedagógico ressignificado, a ponto de contribuir com esse ofício a partir de uma temática tão importante, mas pouco debatida.

Para tanto, esta pesquisa encontra-se estruturada em quatro seções: a primeira, traz algumas considerações sobre a Inclusão Social sob um viés amplo e, posteriormente, delimitado para a pessoa surda; a segunda, abarca uma breve contextualização histórica da Libras e da cultura Surda; a terceira, trata do ensino da Libras e sua relação com os documentos oficiais; e, na sequência, temos a seção metodológica que detalha todo o percurso feito para a realização do projeto e, logo após, temos as considerações finais.

2 INCLUSÃO SOCIAL: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Empatia (se colocar no lugar do outro), uma palavra que tem sido muito proferida, mas pouco vista nas ações. Diante disso, cabe ressaltar que vivemos em uma sociedade individualista, a qual pensa mais em si do que no próximo, que prioriza muitas vezes o excluir, desencadeando assim a discriminação, o preconceito e a desigualdade, encarando-as, inclusive com normalidade e de forma latente. Partindo disso, Martins (2016) destaca o quão complicado é versar sobre inclusão, visto que, discussões sobre temáticas a respeito da diversidade ainda é um desafio por vivermos rodeados de pré-conceitos. A partir do exposto, percebemos que temas relacionados à diversidade (etnia, deficiência, religião, orientação sexual, questões socioeconômicas entre outras) ainda é inabitual, mas, para que esse cenário mude, necessitamos construir um espaço que seja de todos, que promova a inclusão social e garanta que os direitos de cada sujeito sejam respeitados, corroborando, dessa forma, para uma sociedade mais justa e igualitária.

No entanto, o conceito de inclusão vem sendo mal interpretado pelo senso comum. O termo é compreendido com foco apenas na inclusão escolar, mas sabemos que é bem mais amplo. Percebendo isso, faz-se necessário pontuar que se refere a todos sem que haja distinção, sendo assim, essa perspectiva viabiliza a democratização de diversos serviços e espaços que antes não eram acessados por grupos minoritários, impedindo desse modo que a barreira da segregação social se perpetue. Sasaki (1999, p. 42), por exemplo, afirma que a inclusão social “é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade” e isso acontece através de sutis e profundas adaptações “nos ambientes físicos, espaços internos e externos, equipamentos, aparelhos, utensílios mobiliário e meios de transportes e na mentalidade de todas as pessoas, portanto também do próprio portador² de necessidades especiais”.

Acerca do que foi citado, no que tange ao oposto desse conceito, ou seja, a exclusão social, cabe destacar alguns exemplos³ para uma melhor compreensão. Sendo assim, iniciaremos mencionando a de origem, ou seja, dependendo do lugar onde o sujeito nasça ele sofre preconceitos e isto acontece, por exemplo, de forma expressiva com indivíduos oriundos da periferia. Sobre essa questão, Santos (2015) em sua pesquisa *Jovens de Favela e Ensino médio: trajetórias diversas*, evidencia esse ponto no campo educacional e traz uma análise sociológica sobre jovens-alunos pobres que são vistos com menosprezo, mas que conseguem sonhar com outros espaços e alcançá-los, vencendo, assim, os estereótipos construídos não só no local que foi realizado o estudo, como também fora dele.

Ao pensarmos ainda nas questões étnicas-raciais, lembramos das comunidades quilombolas, as quais trazendo para o campo da educação, sofrem com a ausência de práticas que considerem suas vivências. Quanto a essa problemática, Nascimento (2017) ratifica e relata em sua pesquisa, partindo de um estudo de caso, que estes sujeitos sofrem com a exclusão, pois são desrespeitadas suas singularidades e com isso reforçam a visão errônea de suas tradições, culturas crenças, entre outros.

² Este termo caiu em desuso e o adequado a ser usado atualmente é “Pessoa com Deficiência”, que de forma oficial foi definido pela Convenção das Nações Unidas sobre o Direito das Pessoas com Deficiência (PcD).

³ Sem negar a existência de outros grupos humanos que sofrem discriminação a partir de certos paradigmas e estereótipos.

Um outro grupo “minoritário” que sofre historicamente com a exclusão são os LGBTQI+⁴, não só no campo social, mas também no educacional⁵, como elucida Silva (2016) em uma de suas pesquisas, a qual evidencia a necessidade de reflexão sobre as práticas homofóbicas, visto que estas estão corriqueiramente presentes no cotidiano obstruindo a efetivação dos direitos, dignidade e à livre orientação sexual dos indivíduos. Além disso, também temos a figura da mulher no contexto prisional, e para além dele, a qual é tida como inferior e marginalizada, partindo da ideia que a sociedade observa esse sujeito como dona do lar e da família. Desse modo, quando esse papel não é assumido, elas são vistas com olhares distorcidos e arraigados de tabus, como enfatiza Ramos (2013) em sua pesquisa que traz questões pertinentes referentes à precarização e à falta de investimento no sistema carcerário, bem como à ausência de interesse do Poder Público em oferecer uma assistência educacional às mulheres presas. No que diz respeito às pessoas com deficiência, estas são alvos desde sempre dos processos de exclusão, discriminação, preconceito e segregação. Desse modo, é possível observar em nossa sociedade o quão esse grupo é caracterizado como vulnerável e incapaz, sendo visto sob uma ótica piedosa que só reforça os estigmas enraizados.

Sobre o conceito de deficiência, este é trazido pelo art. 2 da Lei de nº 13.146, de 6 de julho de 2015, a qual Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Desse modo, a partir dele é compreendido o seu significado, o qual apresenta a pessoa com deficiência como aquela que tem “[...] impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” (BRASIL, 2015, s/p).

No tocante às definições de deficiência, segundo o documento Brasil (1999), a física é uma alteração parcial ou completa de um ou mais membros do corpo humano, que compromete a função física e ela pode se apresentar como paraplegia, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, entre outros. No que concerne à intelectual, esta apresenta limitações referentes às habilidades como comunicação, acadêmicas, sociais e outras. Acerca da deficiência sensorial, de acordo com o ponto de vista científico, ela está estreitamente ligada a algum dos cinco sentidos que possuímos (paladar, olfato, tato, visão e audição), caracterizando-se pelo não funcionamento total ou parcial de um deles. A cegueira e a surdez, por exemplo, são tidas como deficiências sensoriais, e a esta última, daremos um enfoque especial no discorrer de nossa pesquisa.

Seguindo esse viés discursivo, é importante lembrar que a palavra “incluir” procede do termo latino *includere*, que significa compreender, abranger, conter em si, incluir. Desse modo, entendemos que incluir é de fato unir, sendo assim, uma escola inclusiva é aquela que respeita a singularidade do outro, que constrói um âmbito harmonioso e promove o bem-estar de todos. Nessa direção, a partir desse esclarecimento, ressaltamos que a Constituição Brasileira, segundo Mantoan (2003, p. 36), “não usa adjetivos e, assim sendo, toda escola deve atender aos princípios constitucionais, não podendo excluir nenhuma pessoa em razão de sua origem, raça, sexo, cor, idade ou deficiência”. Dessa forma, entendemos que o espaço

⁴ Essa sigla se refere às lésbicas; gays; bissexuais; transexuais; queer; intersexuais, como também, a inclusão de outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero.

⁵ Aos que possuem interesse sobre o ensino de língua pelo viés inclusivo no que concerne os sujeitos LGBTQIA+, sugerimos uma leitura esclarecedora e pertinente da pesquisa de Silva (2020).

educativo precisa respeitar a pluralidade e o documento de Salamanca⁶ (1994) reforça essa necessidade de acomodar a todos, sem que haja distinção.

Como dissemos anteriormente, nosso trabalho dará ênfase ao sujeito Surdo. Posto isso, faz-se necessário refletirmos sobre as ações que têm acontecido no âmbito educacional no que se refere à pessoa Surda e sua inclusão. Para tanto, é importante destacar que o campo educacional projeta atender às exigências da legislação, mas a realidade é que na prática as ações predominantes são de exclusão. Sendo assim, é preciso frisar que o Surdo não deve ser inserido na escola sendo apenas integrado, mas incluso, e para isso, a prática nesse contexto deve ser modificada e os direitos desses sujeitos respeitados. Quadros (2019, p.145) reitera: “É imprescindível reafirmar que os Surdos fazem parte de um grupo social, a comunidade Surda, com uma identidade cultural e linguística específica”.

Vale ressaltar que durante longos anos foi negado ao Surdo viver sua cultura e utilizar sua língua, visto que os educadores tentavam ensinar a língua oral para que eles pudessem ser capacitados nela e utilizá-la como língua materna. Esclarecido isso, para situar melhor, vale ressaltar que a educação dos Surdos é marcada por três filosofias educacionais, sendo elas: o Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo, as quais serão exploradas na seção 3. Porém, cabe-nos adiantar que esta última filosofia é a mais aceita atualmente, mas ainda assim ocorrem equívocos nas práticas.

O ensino da Língua Brasileira de Sinais para o sujeito Surdo deve ser feita pela língua materna/L1, mas ainda há desafios no espaço educacional que são discutidos especialmente por Kusters *et al* (2015, *apud* QUADROS, 2019, p. 145). Estes pesquisadores ao analisarem o conceito de inclusão, enfatizam que, muitas vezes, na educação dos Surdos, o processo inclusivo resulta apenas na integração deles em um espaço majoritariamente de sujeitos ouvintes, com a presença ou não do profissional intérprete. Dessa forma, precisamos problematizar e refletir: Está sendo respeitada a língua e a cultura do sujeito Surdo nesse espaço? Sem a presença do intérprete para o acesso a sua L1 está havendo inclusão? Só o profissional intérprete garante a inclusão desse indivíduo nesse espaço?

São diversos os fatores enfrentados pela comunidade Surda na sociedade, como também na escola, e por isso se torna urgente uma reformulação nos projetos políticos-pedagógicos das instituições, tendo em vista que em sua maioria eles não abarcam a cultura dessa minoria linguística, tratando de forma desconsiderada e limitada. Sendo assim, um fator que deve ser repensado são as metodologias, as quais se voltam para o público ouvinte sem que haja planejamento específico para o Surdo. Além disso, outro aspecto muito importante que deve ser considerado é a garantia da Língua Brasileira de Sinais nesse espaço, para que assim, o Surdo se sinta acolhido e incluído. É, pois, de suma importância construirmos espaços inclusivos e, para isso, a aquisição da Libras pode ser um começo, tendo em vista o quão significativa ela é para comunidade Surda.

Na próxima seção, versaremos brevemente sobre a historicidade da Língua Brasileira de Sinais.

3 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA LIBRAS

⁶ Documento que foi elaborado na Conferência Mundial sobre Educação Especial, em Salamanca, na Espanha, em 1994, objetivando fornecer diretrizes básicas para a formulação e reforma de políticas e sistemas educacionais de acordo com o movimento de inclusão social.

De acordo com Strobel (2009), a historicidade do povo Surdo tem seu nível de dificuldade para ser compreendido e estudado. Na pré-história, a comunicação era realizada por meio das mãos. Assim, com o decorrer do tempo, isso começou a ser ressignificado e foi surgindo as línguas orais, a qual se tornou predominante. Vygotsky (1987/1934, *apud* REILY, 2004, p. 113), ressalta que

[...] os homens pré-históricos trocaram a comunicação gestual pela comunicação oral, pela palavra, quando começou a utilizar ferramentas; trabalhando com as mãos ocupadas, precisaram inventar uma alternativa para dialogar.

Com esse meio de comunicação oral, o gestual se restringiu aos Surdos, que por vezes foi utilizada informalmente, visto que, esta utilização foi negada ao sujeito Surdo, os quais eram tratados como amaldiçoados e indivíduos que possuíam uma capacidade intelectual inferior aos demais. De acordo com Goldfeld (1997, *apud* ARAUJO et al., 2015, p. 01),

Os surdos eram tratados com piedade e vistos como pessoas castigadas pelos deuses, sendo abandonados ou sacrificados. A surdez e a consequente mudez eram confundidas com uma inferioridade de inteligência. E até o século quinze foi visto como uma pessoa primitiva que não poderia ser educado.

Conforme Honora (2009, p.12), “Aristóteles afirmou que considerava o ouvido, como órgão mais importante para a educação, o que contribuiu que o Surdo fosse visto como incapacitado para receber qualquer informação naquela época”. Esse quadro sofreu alterações só na Idade Moderna, quando surgiram os primeiros educadores para Surdos. Nesse viés, Pedro Ponce de León foi o primeiro professor de Surdos, e geralmente lecionava para filhos de nobres aprender a “falar”, já que precisavam dessa aprendizagem para terem direito à herança. León foi inspiração para outros educadores de Surdos, a exemplo de Juan Pablo Bonet.

Partindo para Idade Moderna, Charles Michel de L'Épee criou o Instituto Nacional para surdos-mudos de Paris (1760), sendo ele o primeiro a reconhecer que a pessoa Surda possui uma língua. Dessa forma, a oralização passou a não ser mais foco e a partir de então, foram criados sinais metódicos, os quais se referem à apropriação de sinais, modificados de forma que possa representar mais fielmente a estrutura da Língua Francesa. Segundo Reily (2004, p. 116) “A iniciativa de L'Épee revolucionou as possibilidades de educação, comunicação, interação e cidadania para os Surdos”, pois este grupo era tido como marginalizado.

O trabalho desenvolvido por L'Épee foi conhecido por Dom Pedro II, o qual viajou até à França e se deslumbrou com a iniciativa de Charles, passando a se questionar posteriormente de o porquê não existirem essas metodologias também no Brasil. A partir disso, Dom Pedro II decide convidar um dos integrantes do instituto, E. Huet para atuar na educação dos Surdos brasileiros, sendo de grande relevância a sua vinda, pois nos trouxe metodologias significativas a exemplo da leitura labial, articulação da fala e auxílio da datilologia, (todas essas com base na Língua de Sinais Francesa) que serviram para a construção da Língua Brasileira de Sinais. Salientamos, inclusive, que foi a partir dessas práticas que a comunicação

entre Surdos e sua educação obtiveram avanços (REILY, 2004). Mediante a isso, no ano de 1857, E. Huet consegue apoio de Dom Pedro para construção de um Instituto Imperial de Surdos-Mudos, o qual denomina-se atualmente de Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES)⁷. É interessante pontuar que após a sua criação, a demanda só crescia e, no ano de 1960, após diversos diagnósticos de surdez, se tornou ainda mais evidente a necessidade de aprender a Libras para se comunicar. Ainda sobre a origem da Língua Brasileira de Sinais, é importante dizer que

[...] por ser uma língua de modalidade gestual visual, a mesma não teve sua origem da (sic) língua portuguesa; que é constituída pela oralidade, portanto considerada oral-auditiva; mas em outra língua de modalidade gestual visual, a Língua de Sinais Francesa, apesar de a língua portuguesa ter influenciado diretamente a construção lexical da língua brasileira de sinais, mas apenas por meio de adaptações por serem línguas em contato (ALBRES,2005, p.1).

No que tange à educação dos Surdos, esta é marcada por três filosofias, são elas: oralismo, comunicação total e bilinguismo. O oralismo segundo Goldefeld (2002, p. 33) “percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva”. Esta filosofia teve como foco o ensino da fala, sendo proibida a utilização de sinais ou alfabeto manual. Na segunda filosofia, houve um avanço, poderia ser utilizada todo e qualquer meio de expressão para possibilitar a comunicação, e de acordo com Goldfeld (2002, p. 40) “A comunicação total defende a utilização de qualquer recurso linguístico, seja a língua de sinais, a linguagem oral ou códigos manuais, para facilitar a comunicação com as pessoas surdas”. Por fim, temos o bilinguismo, a qual segundo Skiliar é uma

[...] proposta da educação bilíngue para surdos (sic) pode ser definida como uma oposição aos discursos e às práticas clínicas hegemônicas características da educação e da escolarização dos surdos nas últimas décadas e como um reconhecimento político da surdez como diferença (SKILIAR, 1998, p. 1).

Diante do exposto, cabe-nos destacar que essa última filosofia atualmente é a que tem uma receptividade mais acolhedora por parte da comunidade Surda, pois se contrapõe às outras. Esta proposta objetiva o ensino de duas línguas: a primeira, chamada de L1 é a de sinais, a qual é a língua natural dos Surdos, e a segunda, ou seja, a L2 deve ser a língua oficial do país que reside, no caso dos Surdos brasileiros a língua natural é a Libras, e como L2 é a Língua Portuguesa. Posto isso, ressaltamos que no ano de 2002, foi promulgada a lei que é conhecida como Lei da Libras (Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002) pelo Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

Torna-se imprescindível ressaltar que a Língua Brasileira de Sinais surgiu da necessidade comunicativa e, assim como toda língua, também constitui um sistema com gramática própria, com elementos (signos) que não são mímicas ou gestos,

⁷ O Instituto Nacional de Educação de Surdos –INES é um órgão do Ministério da Educação, que tem como missão institucional a produção, o desenvolvimento e a divulgação de conhecimentos científicos e tecnológicos na área da surdez em todo o território nacional.

mas sinais que correspondem ao código linguístico que estrutura tal sistema. Sendo assim, Pereira (2011), reforça que a Libras obedece a uma gramática própria, com níveis linguísticos correspondentes aos das línguas orais-auditivas, porém, por falta de conhecimento, muitos ainda têm uma percepção equivocada e distorcida da Libras. Outro ponto que merece ser destacado é que, como toda língua, a Libras também tem uma cultura que é enriquecida por artefatos, os quais caracterizam e demarcam a identidade da comunidade surda, conforme apresentaremos a seguir.

3.1 Artefatos culturais do povo Surdo: algumas considerações

Nos últimos anos, as pesquisas referentes ao Surdo⁸, têm crescido de forma significativa e, devido a isso, a percepção acerca da surdez vem passando por um processo de ressignificação. Porém, com relação aos aspectos culturais, ainda não é vasto o número de produções científicas que explorem essa temática. Ainda assim, após um levantamento que fizemos para um Estado da Arte, através do google acadêmico, encontramos alguns trabalhos com esse fim, a exemplo de Strobel (2008); Fernandes (2020) e Mourão (2011).

No que diz respeito aos sujeitos Surdos, que antes eram vistos apenas sob a ótica da deficiência, hoje são contemplados no meio científico como um grupo que possui características e identidade próprias. Karin Strobel é uma autora Surda e em uma de suas obras, a qual é intitulada *As imagens do outro sobre a Cultura Surda*, ela sinaliza o seguinte:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das "almas" das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2008, p. 22).

Desse modo, através da experiência visual, os Surdos percebem o mundo, interagem com ele e o vivenciam. Para Strobel (2008, p. 37), a definição de artefato não se resume apenas ao materialismo cultural, mas vai muito além, pois é através, por exemplo, das crenças e ideologias que eles se carregam, que eles podem e são reconhecidos. Ou seja, a cultura do povo Surdo demarca singularmente o seu próprio modo de ser, observar, compreender e transformar o mundo. Mourão (2011, p. 45) complementa dizendo que “A cultura que caracteriza um local, onde convivem os sujeitos, é construída nos processos sociais e práticas discursivas, através dos artefatos culturais”. Dessa forma, compreendemos que os artefatos são as singularidades do povo Surdo.

Ao discorrer então sobre os artefatos que moldam a cultura do povo Surdo, Strobel (2008, p. 35) destaca oito aspectos que constituem essa identidade, tais como: experiências visuais, linguísticos, familiar, literatura Surda, vida social e esportiva, artes visuais, políticas e materiais. O primeiro refere-se ao *visual*, que é o meio como o Surdo percebe o mundo, atribuindo-lhe significados. De acordo com a autora, os indivíduos Surdos captam tudo a sua volta através dos olhos. O segundo, inclui a *Língua de Sinais* que é um aspecto fundamental na cultura surda, assim como os “sinais caseiros” e “emergentes” que são utilizados pelos Surdos que não

⁸ Consultar Fernandes, Alves, Stumpf (2020); Karnopp (2010); Hall (2003); Albres (2005); Skliar (1998); Honora (2009); Quadros (2019); Araújo, Silva, Sousa (2015); Sacks (1990); Almeida (2015).

tiveram acesso a outros Surdos e, por este motivo, precisaram se comunicar em casa através de mímicas e gestos.

De acordo com Strobel (2008, p.44), é através desta língua que o Surdo irá transmitir e proporcionar a aquisição do seu conhecimento universal. O terceiro é o *familiar*, que implica nas barreiras que o Surdo enfrenta quando o médico instrui a família a não permitir a utilização de sinais e priorizar a oralização, visto que, nascem crianças Surdas em torno de 90% dos lares de ouvintes e isso dificulta seu acesso à língua natural⁹ e sua respectiva cultura, impossibilitando/atrasando sua construção identitária. O quarto, refere-se à *literatura Surda*, que são os registros através de CD-ROOM, vídeos e DVD das dificuldades e/ou vitórias, de diversas experiências vividas pelo povo Surdo. Sobre esse aspecto, Karnopp (2008) afirma que

A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda conta com a língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, pelas lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais (p. 14-15).

O quinto é a *vida social e esportiva*, que corresponde a casamentos, festas, lazeres e demais atividades nas associações dos Surdos. O sexto são as *artes visuais*, as quais eles possuem muita criatividade, e é através da arte que sintetizam suas emoções, vivências e subjetividade. O sétimo é a *política*, a qual se refere especialmente às lutas e manifestações pelos direitos do povo Surdo e, por fim, o oitavo, que é constituído de *materiais* que possibilitam a acessibilidade dos Surdo, o celular é um exemplo de material. Dito isso, queremos enfatizar um desses aspectos culturais que é a língua, a qual é de extrema importância para construção identitária do povo Surdo. No Brasil, sabe-se que a língua de sinais utilizada pela comunidade Surda é a Libras e, desse modo, na próxima seção discorreremos um pouco sobre ela, o seu ensino, bem como os seus respectivos documentos legais.

4 O ENSINO DE LIBRAS: O QUE É PREVISTO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS?

A Lei Federal 10.436 de abril de 2002 reconhece a Língua Brasileira de Sinais como oriunda das pessoas Surdas brasileiras, fruto de anos de resistências/lutas dessa comunidade. A partir desse reconhecimento, percebemos avanços no que se refere aos direitos linguísticos dos Surdos. Nessa direção, a Libras é vista como ferramenta importante para a comunicação dos Surdos, mas também, como uma conquista no que diz respeito à inclusão deles na sociedade.

Após a aprovação da lei em 2002, tivemos a regulamentação através de um decreto (este é um documento abrangente sobre a inserção da Libras como disciplina curricular) sobre a formação do professor, do profissional intérprete e tradutor, como também do direito de a pessoa Surda obter sua educação através de sua L1 e L2, preferencialmente na Libras (L1) e o direito à saúde. Assim, a Libras é

⁹ Língua natural é a que se desenvolve espontaneamente no interior de uma comunidade, ou seja, é desenvolvida naturalmente pelo ser humano, de forma não premeditada.

ofertada no ensino superior a partir do decreto 5.626, aprovado em 22 de dezembro de 2005, o qual regulamenta a inserção dessa língua como componente curricular na grade dos cursos de licenciaturas. Vejamos o que diz o artigo 9º deste decreto:

Art. 9º A partir da publicação deste Decreto, as instituições de ensino médio que oferecem cursos de formação para o magistério na modalidade normal e as instituições de educação superior que oferecem cursos de Fonoaudiologia ou de formação de professores devem incluir Libras como disciplina curricular (BRASIL, 2005, s/p).

Este decreto (BRASIL, 2005, s/p) em seu parágrafo único, destaca que: “O processo de inclusão da Libras como disciplina curricular deve iniciar-se nos cursos de Educação Especial, Fonoaudiologia, Pedagogia e Letras, ampliando-se progressivamente para as demais licenciaturas”. Desse modo, através dessa inserção, proporcionou-se a difusão da língua na formação inicial docente, até então ainda desconhecida por alguns profissionais. Com isso, faz-se necessário prepará-los para atenderem as diferenças humanas e se atentarem para elas e, por isso, os docentes precisam ter domínio dos saberes para lidar com as diversas situações escolares, a fim de estabelecer uma educação efetiva e igualitária. Para tanto, o Plano Nacional de Educação - PNE, Lei nº 10.172/2001, destaca que “o grande avanço que a década da educação deveria produzir seria a construção de uma escola inclusiva que garanta o atendimento à diversidade humana” (BRASIL, 2008, s/p). Nesse viés, entendemos que há a necessidade de investimento na formação de professores adequada para que eles possam conseguir atender os anseios/realidades dessa perspectiva.

A formação continuada também é indispensável nesse processo, e sobre isso Pimenta (2000, p,17) ressalta a importância “de ressignificar os processos formativos a partir da reconsideração dos saberes necessários à docência, colocando a prática pedagógica e docente escolar como objeto de análise”. Assim, para construirmos uma educação que seja oferecida para todos de forma igualitária, ou seja, na qual cada indivíduo seja respeitado independentemente de suas particularidades, necessitamos salientar a importância no que se refere à formação de professores para atuarem nessa perspectiva. Segundo Fonseca (1995), existe uma necessidade de preparar docentes para esse ofício com urgência, porém, ele deixa claro que para os educadores conseguirem transformar suas práticas, precisam de alguns aspectos como: ter uma formação continuada, ser equipados de recursos pedagógicos, como também obter uma orientação, visando adquirir novas competências e atingindo, assim, o êxito no seu ofício.

A Libras como componente curricular no ensino superior nos cursos de licenciaturas, permite ao docente em formação refletir sobre a prática pedagógica com os possíveis alunos Surdos que terá em sua sala de aula, respeitando sua língua, sua cultura e as peculiaridades educativas. Essa disciplina é ofertada com a parte teórica, mas também com a parte prática. Esta, permite ao professor em formação um conhecimento básico na Libras, a exemplo da aprendizagem do seu nome e as saudações em Libras, entre outros. Vale salientar que este conhecimento básico não permitirá esse discente sair fluente na língua, ou plenamente capaz de lecionar nesta língua a um Surdo, mas já provoca uma curiosidade de ir à procura de um curso, de fazer pesquisas na área e afins.

A expectativa desse componente curricular é também desconstruir alguns (pré)conceitos e mitos acerca da surdez e da pessoa Surda, além de proporcionar um primeiro contato com a Língua Brasileira de Sinais, bem como, possibilitar que eles levem para o seu futuro ambiente de trabalho reflexões acerca da deficiência e da perspectiva inclusiva. Sabemos que as aulas devem ter esse teor de discussão acerca da temática, como forma de respeito à diversidade. Ressaltamos que há uma necessidade de repensarmos com relação ao componente curricular em discussão, pelo fato de ser oferecida em um só semestre e ter uma carga horária reduzida, o que chamamos de lacuna, visto que, o aproveitamento poderia ser mais significativo se disponibilizassem uma duração maior de tempo.

Quanto à implementação da Libras como disciplina no ensino regular da educação básica, infelizmente, ainda não temos na grade curricular. No entanto, em um momento futuro poderemos ter essa possibilidade, visto que a sua inserção poderá promover nesse espaço discussões pertinentes, evidenciando o conhecimento e reconhecimento de outra língua e cultura. Sabemos que nas grades curriculares do nosso país são existentes disciplinas como Francês, Espanhol ou Inglês, estas são ofertadas no intuito de oportunizar ao indivíduo conhecer uma segunda língua no ensino regular. Dessa forma, entendemos que inserir a Libras nos currículos da educação básica também poderá ser viável nesse processo de ensino/aprendizagem e de inclusão.

No que concerne, entretanto, à implementação de discussões sobre inclusão, principalmente do Surdo no contexto educacional e, especialmente, nas escolas regulares, não avançamos. Defende-se que “[...] a educação a que se tem direito deve promover os valores universais”, e entre estes estão, “[...] a igualdade entre as pessoas, o respeito à diversidade, à tolerância e a não discriminação.” (UNESCO, 2004, p. 9), mas sabemos que ainda há uma carência muito significativa nesse sentido. Logo, como nos afirma Martins (2016, p.27), “é necessário exercitar a vivência do respeito ao outro, entendendo que a diversidade não pode ser vista como uma barreira para a realização do ato educativo [...]”.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do ensino fundamental, complementa a fala de Martins (2016, p.27) quando se refere à escola “como espaço de aprendizagem e democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades” (BRASIL, 2018, p. 14). Sendo assim, entendemos que uma casa só é construída de forma segura se ela tiver um alicerce, da mesma forma deve acontecer com o cenário inclusivo educacional, é da base que deve iniciar esse processo, para que futuramente possamos colher frutos dessas sementes plantadas no presente.

Na seção seguinte, iremos apresentar como é possível realizar uma intervenção na educação básica, partindo de todas as questões que foram discutidas ao longo dos tópicos anteriores.

5 O PROJETO LIBRAS NA ESCOLA: CAMINHOS E POSSIBILIDADES

Considerando o que discutimos ao longo do nosso estudo acerca da Inclusão Social, iremos apresentar neste espaço uma intervenção pedagógica que denominamos de *Projeto Libras na Escola* que foi planejada e posta em prática na tentativa de proporcionar aos alunos do ensino fundamental I o conhecimento e reconhecimento de uma nova língua que possui peculiaridades diferentes da sua

língua materna. Além disso, nosso intuito durante todo o projeto foi refletir acerca das contribuições que a Libras traz para esse contexto educacional, como também mostrar que é possível agregarmos sua abordagem na sala de aula para alunos ouvintes, mesmo que esse trabalho ainda não seja previsto ou mesmo obrigatório sob o viés legislativo.

No que se refere à BNCC (BRASIL, 2018), temos temas contemporâneos (Transversais/Integradores), os quais abordam temáticas que atravessam o campo educacional, ou seja, são discussões que atendem às demandas sociais atuais e, por isso, estão presentes no dia a dia dos sujeitos. Esclarecido isso, é importante frisar que: “cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às Escolas [...] incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora” (BRASIL, 2018, p. 19). Desta forma, esses pressupostos visam contribuir para um aluno-cidadão, participante de uma vida ativa e significativa na sociedade.

Nesse sentido, uma das competências específicas de Ciências Humanas para o ensino fundamental é “Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos” (BRASIL, 2018, p. 357), isto é o que o documento nos orienta para uma construção de saber no que se refere à diversidade cultural. A Base reforça a necessidade do autoconhecimento, isto é, o aluno precisa entender o seu “eu” e o outro para que possa compreender seu papel no mundo e reconhecer que deve praticar o respeito com o outro sendo um ser consciente de suas ações.

A partir dessas considerações, iremos apresentar a seguir a caracterização e contextualização da pesquisa, o projeto em si e a descrição de suas etapas com algumas imagens para melhor semiotização dessa vivência.

5.1 Caracterização e contextualização da pesquisa

O *lócus* selecionado para nossa intervenção foi a sala de aula, por compreendermos que é neste espaço onde ocorrem diversas aprendizagens e interações. Para tanto, esta pesquisa se insere na abordagem qualitativa, pois esta, conforme Bortoni-Ricardo (2008, p.34) “[...] procura entender; interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”, e se classifica como pesquisa-ação, que pode ser definida como

“[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é **concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou ainda, com a resolução de um problema coletivo**, onde todos os participantes estão envolvidos de modo cooperativo e participativo” (THIOLLENT, 1985, p.12, *apud* GIL, 2010, p.42, grifos nossos).

Logo, de acordo com Gil (2010) este tipo de pesquisa, contribui de forma significativa e direta com a ação social. Sob essa ótica, será apresentada a seguir uma sequência de aulas e atividades que foram desenvolvidas em uma escola municipal no interior da Paraíba, a qual atende aproximadamente 90 alunos em turmas de pré-escola (pré I e II) e fundamental (1º ano até o 5º ano), nos turnos manhã e tarde. Os participantes da presente pesquisa são alunos que residem em área urbana e periférica, e são pertencentes a uma classe social não privilegiada economicamente. Assim, a turma escolhida para a intervenção e a seleção do *lócus*,

deram-se pelo fato de fazerem parte do contexto no qual atuei como cuidadora de uma criança com o espectro do Autismo, o que oportunizou um desenvolvimento melhor com os alunos, visto que, o contato com todos da turma era/foi frequente.

É importante frisar que a realização desta intervenção foi autorizada pela instituição (Cf. APÊNDICE A) e que a mesma, como já sinalizamos no início deste trabalho, fora idealizada a partir de uma vivência (um aluno/criança ouvinte que se sentia envergonhado por sua mãe ser Surda) que foi notada no ambiente escolar e causou inquietação. Um outro ponto que precisa ser salientado, é que os discentes da instituição tiveram seu primeiro contato com a LIBRAS a partir do projeto desenvolvido, o que despertou interesse por parte de todos. Também, só foi possível realizar tal projeto, pelo fato de a pesquisadora ter obtido uma certificação de 240h concedida pela Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (FUNAD)¹⁰.

5.2 O projeto e suas etapas

O projeto teve início no dia 19 (dezenove) de julho de 2019 (dois mil e dezenove) e finalizou no dia 13 (treze) de dezembro de 2019 (dois mil e dezenove), sendo dividido em quatro etapas (totalizando 23 aulas ministradas). Estas foram formuladas no intuito de promover reflexões sobre a inclusão do sujeito Surdo no contexto social e escolar, além de uma conscientização sobre os preconceitos enraizados em nossa sociedade e o conhecimento de uma nova língua que pode se tornar a L2. Vale salientar que o conteúdo das aulas foi organizado em comum acordo com a professora titular, que deu abertura para que escolhêssemos os temas.

Antes de dar início às etapas do projeto, foram apresentadas aos alunos algumas informações sobre a Libras, sobre os Surdos, a surdez, o termo que deve remeter a essa minoria linguística, como também, foi tratado do assunto inclusão, o respeito e a empatia que devemos ter para com o próximo, independentemente de sua cor, raça, língua, religião e afins.

5.2.1 Primeira etapa

Na etapa I, que foi composta por oito aulas, foi possível contextualizar para os alunos alguns temas em Libras, foram eles: alfabeto manual, nomes e números, cores, saudações, estações do ano, animais, revisão de todos esses temas e uma aula destinada a confecção de um cartaz. A seguir, iremos descrever como se deu cada aula, bem como o objetivo a ser alcançado em cada uma delas.

A primeira aula focou, inicialmente, nos valores morais/éticos para efetivar a inclusão, dizer “não” ao preconceito e conscientizar sobre a importância da Libras no contexto social e escolar. Nosso intuito foi informar a cada aluno sobre a importância de refletirmos sobre esses temas e de termos a partir deles um olhar mais humano e empático com o outro sujeito, independentemente de suas singularidades e particularidades, esse foi o foco com ênfase ao respeito às diferenças. Na sequência, ministramos sobre o *alfabeto em Libras* (cf. fig. 1), iniciamos com a prática do alfabeto manual, em seguida, todos fizeram juntos e logo depois tivemos

¹⁰ O curso teve duração de dois anos e ele possibilita otimizar o conhecimento básico da LIBRAS prioritariamente para os profissionais da educação e afins, numa tentativa de garantir a inclusão de forma efetiva no contexto social.

uma dinâmica com bexigas (cf. fig. 2), em que cada uma possuía o nome de um aluno, e o participante que estourasse aquele balão faria o nome usando a datilologia¹¹. Como forma lúdica, utilizamos a música infantil o *Abecedário da Xuxa* e, por fim, entregamos uma atividade para fixar no caderno com a intencionalidade de que eles tivessem o seu primeiro contato/conhecimento com a/dá língua.

Figura 1 – Ensinando o alfabeto em Libras



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Figura 2 – Dinâmica do balão/datilologia

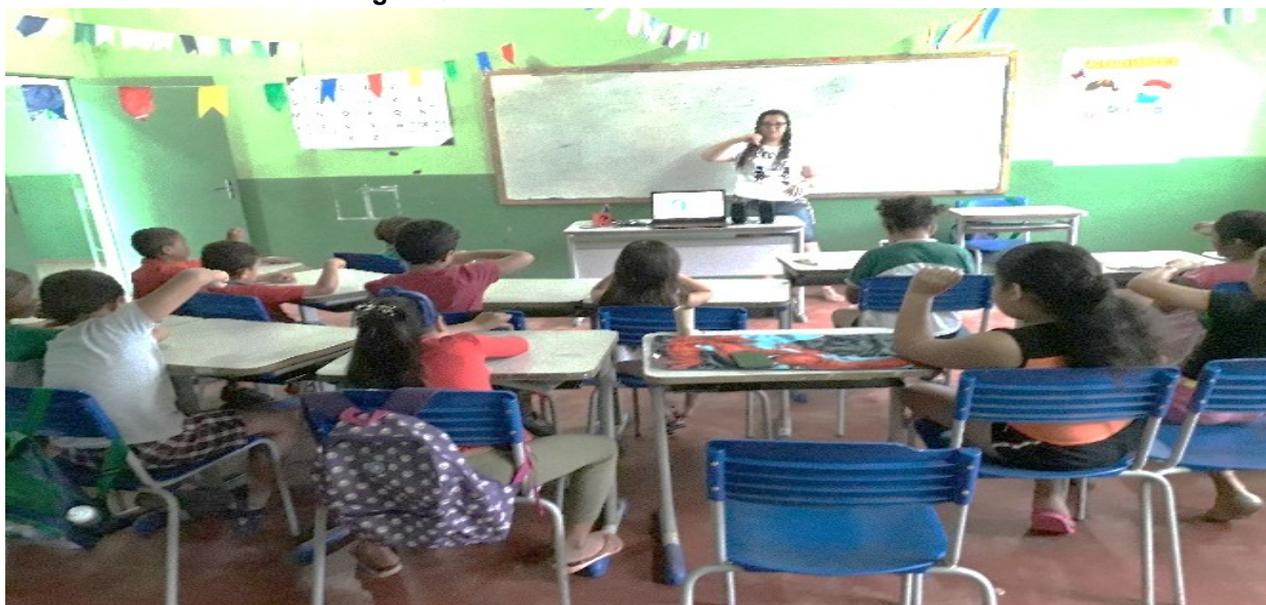


Fonte: Dados da pesquisa (2019)

¹¹ É um sistema de representação das línguas orais e escritas que utiliza as mãos.

Na segunda aula, iniciamos pedindo que cada aluno já apresentasse em datilologia seu próprio nome. Logo após, sugerimos um novo tema, este foi os *números em Libras* (cf. fig. 3). Fizemos uma dinâmica (cf. fig. 4), em que tínhamos um círculo com vários números dentro dos copos descartáveis e, quando o participante retirava um copo, nele continha um número, este teria que ser feito em Libras. Utilizamos a música infantil *Os indiozinhos* para trabalhar os números de 0 a 9 numa perspectiva lúdica, como também, expomos um vídeo¹² de uma aula de Libras com essa temática realizada em um quadro do programa *Carrossel animado* transmitido pela Sbt de televisão. Por fim, fixamos no caderno uma atividade com os números em Libras para pintar.

Figura 3 – Aula dos números em Libras



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Figura 4- Dinâmica com os números em Libras



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

¹² Rafaella Sessenta é uma professora de Libras, a qual participou do programa *Carrossel animado* (programa da rede de televisão Sbt) apresentando os *números em Libras* no dia 23 de maio de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yfhrOdAHQfI>. Acesso em: 20 abr. 2020.

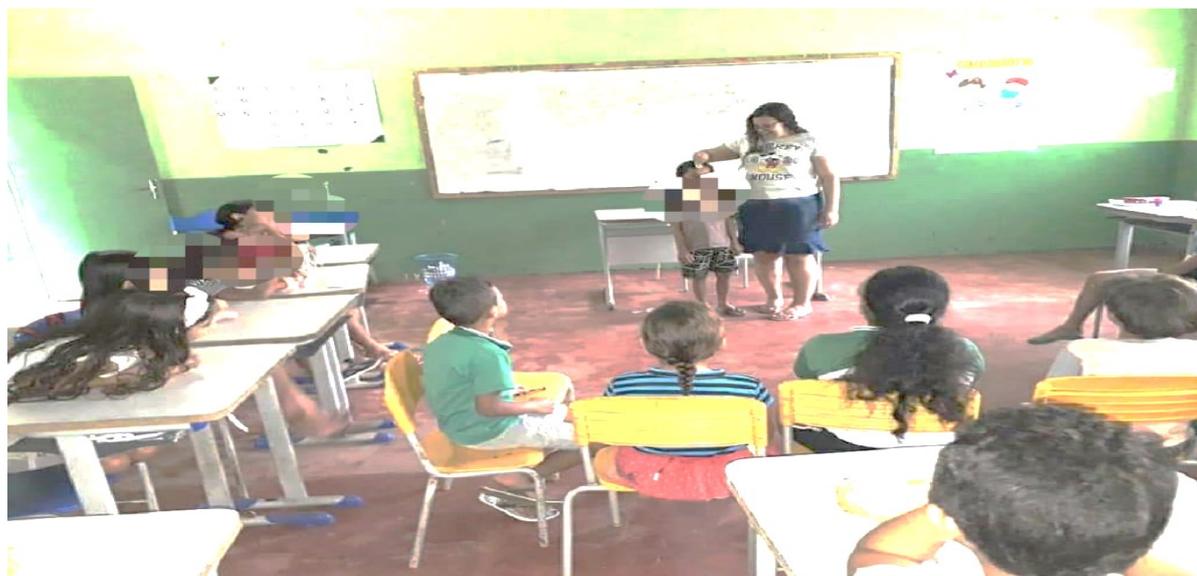
A terceira aula deu-se com a temática *cores em Libras*. Iniciamos com um vídeo do Hugo¹³ (mostrando os sinais das cores), após esse primeiro momento, fizemos juntos em libras para melhor visualizar e depois de forma individual. Cada aluno recebia em sua testa um objeto de uma cor estudada, o participante não podia ver a referida cor, mas precisava identificar através da realização do sinal que todos faziam em sua volta. Para se tornar mais atrativo o tema, distribuímos uma base de isopor, pincéis e tintas guache, para que cada um pudesse fazer um desenho utilizando algumas cores estudadas (cf. fig. 5), fixamos uma atividade referente às cores – pintar e colocar abaixo a cor representada – no caderno e trabalhamos com a música *Gugudada – a música das cores* em Libras (cf. fig. 6).

Figura 5 – Atividade relacionada as cores



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Figura 6- Dinâmica com as cores em Libras



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

¹³ Hugo (intérprete3D) é um personagem do aplicativo Hand Talk, o qual é um tradutor de Libras que visa proporcionar acessibilidade através das telas. O aplicativo permite converter textos, imagens e áudios para a Língua Brasileira de Sinais.

A quarta aula teve como tema *saudações em Libras*. Deu-se a partir de uma breve discussão sobre os cumprimentos, logo após, foi apresentado o tema de forma prática. Em um outro momento, foi colocado em um recipiente vários papéis com palavras que se referiam ao tema, cada sujeito escolheu um, e ao abrir, esse fazia o sinal e todos os outros deveriam reconhecer, sem que precisasse da via oral-auditiva, apenas do espaço-visual. Por fim, dividimos a sala em grupos, realizamos pequenos diálogos com o tema estudado e levamos uma atividade de pintura.

Iniciou-se a quinta aula com os conceitos das *estações do ano*, depois com um vídeo do personagem Hugo do Hand Talk em Libras e a prática logo após. A professora titular nos ajudou a realizar uma oficina de *origami*, a qual cada um aprendeu a fazer uma flor, remetendo a estação da primavera. Por fim, foi entregue uma atividade prática de *origami* para colorir e colar no caderno.

Abordamos na sexta aula, o tema: *os animais*, adentramos, mostrando algumas imagens de animais e, logo após mostrando seus respectivos sinais. Depois, alguns participantes vieram até a frente para imitar algum animal, para que seus colegas fizessem o sinal em Libras. Depois, fizemos um ditado recortado e finalizamos a aula. Na sétima aula, fizemos uma revisão com todos os assuntos vistos anteriormente. Trabalhamos de forma, breve, cada um deles, a fim de perceber os resultados obtidos deste primeiro passo do projeto. Para finalizar essa etapa, tivemos na oitava aula a confecção de um cartaz¹⁴, foi separado grupos, e cada um ficou responsável para abordar uma das temáticas estudadas, com a finalidade de expor na sala para que eles pudessem sempre visualizar.

5.2.2 Segunda etapa

A etapa II, realizada em seis momentos: o primeiro, que contabilizou o horário de uma aula, foi destinado a todo corpo docente, discente e profissionais que atuam na escola, com o tema “*Artefatos Culturais do povo Surdo*”. Este foi o tema sorteado para o desfile cívico da cidade, e como estávamos à frente de um projeto de Libras, nos tornamos responsáveis por ele. A partir dos esclarecimentos feitos nessa palestra sobre a referida temática (cf. fig. 7), abrimos um espaço para perguntas e iniciamos uma roda de conversa sobre o tema. Depois, exibimos em Libras “*o patinho Surdo*” (cf. fig. 8) e finalizamos com uma apresentação interpretando o hino da cidade. Essa palestra foi pensada no intuito de todos terem consciência sobre o tema e que trouxessem reflexões para o campo educacional.

¹⁴ Não temos registros dessa confecção.

Figura 7 - Palestra sobre os artefatos



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Figura 8- Exibição da história do “Patinho Surdo”



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

O segundo momento (realizado em quatro aulas), foi destinado aos ensaios em Libras, do “Parabéns, Marí!”, porém, apenas duas integrantes puderam participar na apresentação. Por fim, no dia 18 (dezoito) de setembro de 2019 (dois mil e dezenove) foi realizado, em praça pública, o desfile (cf. fig. 9), no qual trabalhamos

os artefatos culturais do povo Surdo, além da literatura surda e fizemos uma apresentação em Libras (cf. fig. 10, 11), fechando assim, esta etapa.

Figura 9 – Desfile Cívico



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Figura 10 – Representação do Artefato: *Expressões faciais*



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Figura 11 – Representação da Literatura Surda



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

5.2.3 Terceira etapa

Na terceira etapa foram quatro aulas, durante as quais tivemos o ditado da pipoca (cf. fig. 12). Colocamos no quadro branco pipocas e ao lado um espaço, o qual deveria ser preenchido. Em papéis escrevemos algumas palavras que se referiam aos temas da primeira etapa (cf. fig. 13), dobramos e colocamos em uma sacola, depois agitamos e pedimos para que cada participante escolhesse um papel, ao abrir ele deveria fazer o sinal, se acertasse, colocaria o nome no espaço e tinha direito de pegar a pipoca que estava ao lado. Todos conseguiram realizar, alguns com ajuda dos colegas. Trabalhamos também com músicas em Libras, a exemplo de: borboletinha, o sapo não lava o pé, os indiozinhos, Mariana, A dona aranha; todas estas foram selecionadas no intuito de revisar assuntos já vistos na primeira etapa. Por fim, juntos confeccionamos um painel que denominamos de “cantinho da Libras¹⁵”.

¹⁵ Não temos registro do painel.

Figura 12 – Ditado da pipoca



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Figura 13 – Prática através do ditado



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

5.2.4 Quarta etapa

Na quarta e última etapa, tivemos cinco aulas: em quatro delas, realizou-se ensaios com toda a turma, com a música intitulada “vem que está chegando o Natal”

– Aline Barros¹⁶ em Libras, e, na quinta e última, finalizamos o projeto com apresentação do desenho animado Min¹⁷ e as mãozinhas (cf. fig. 14).

A utilização dessa animação totalmente em Libras, foi pensada pelo fato de abordar temas sociais ao mesmo tempo que ensina os sinais, aproximando os sujeitos ouvintes da cultura surda, gerando assim, um interesse em conhecer melhor outra língua e cultura. O desenho apresenta alguns sinais, e não faz uso de legendas, tem repetições dos sinais, mas com função, elas são usadas dentro de uma conversação. Nosso objetivo nessa aula foi proporcionar um entretenimento no reconhecimento dos sinais vistos no desenho, os quais eles já tinham sido capacitados durante o andamento do projeto. Tivemos como propósito tornar natural a visualização dos sinais no meio de uma conversa, ao finalizar cada episódio nós perguntávamos quais os sinais que apareceram no vídeo, e de forma muito autônoma e rápida os educandos respondiam corretamente com a sinalização e a palavra falada, o que mostrou que de forma significativa a concretização desse aprendizado.

Figura 14- Exibição do desenho animado em Libras “Min e as mãozinhas”



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

5.2.5 Culminância

Após à conclusão de todas as etapas, foi proporcionado aos alunos um momento de confraternização para comemorarmos os resultados do nosso projeto. Houve a apresentação dos estudantes no pátio da escola (cf. fig. 15), em que eles

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IHUHXIFIAz8>

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zNCczm3jzgo> (O idealizador do projeto não conseguiu se comunicar com uma menina Surda, refletindo essa situação e percebendo o despreparo da população na comunicação com os Surdos, criou o *Min e as mãozinhas* no intuito de ensinar crianças ouvintes e promover um entretenimento para as crianças Surdas, visto que elas não tinham um desenho em sua língua).

iniciaram com os sinais de “Oi e boa tarde” e, logo depois, realizaram a apresentação da música que ensaiaram na última etapa.

Figura 15 – Apresentação da música “vem que está chegando o Natal”



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Para o encerramento do projeto, fizemos entrega de certificados, como forma de gratidão e carinho pelo desempenho apresentado por eles. A culminância foi resultado de um processo permeado de muitas aprendizagens significativas, o que permitiu perceber a conclusão de um ciclo onde os resultados foram alcançados.

Figura 16- Festa de encerramento



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração todo trajeto discursivo que promovemos ao longo desta pesquisa, a pesquisadora, enquanto futura docente, reconhece ainda mais que exerce um papel importante na sociedade, o de ser uma agente social. Para tanto, compreende que ao professor é dada a responsabilidade de levar assuntos pertinentes, relevantes e indispensáveis para uma construção humanística na sua sala de aula. Neste ofício, é sabido que não basta mediar as grades curriculares, mas sim, formar alunos-cidadãos, conscientes de suas ações humanas e sociais. Assim, compreendemos e reforçamos aqui, que não foi o nosso objetivo central fazer o estudante sair fluente na língua através do projeto, pois sabemos que a Libras contempla a modalidade espaço-visual, a qual se difere das línguas orais-auditivas, além de termos o fator determinante que é a carga horária reduzida para aprendizagem de uma língua. Porém, o nosso intuito foi apresentar a eles uma outra modalidade de língua, ensinar variados conteúdos da Libras e trazer reflexões acerca da comunidade surda e no que se refere à inclusão.

Identificamos através das práticas em sala de aula, que mais da maioria obteve um aproveitamento considerável, o que nos faz crer que a metodologia empregada corresponde à faixa etária. Nos sentimos gratificados por receber respostas tão positivas a partir de nossos estímulos, o que nos faz reforçar a importância e urgência de termos como disciplina obrigatória no ensino regular, o ensino da Libras como L2 na educação básica. Logo, pudemos observar que houve motivação por parte da pesquisadora e professora titular, que tentaram encontrar os melhores caminhos possíveis para essa aprendizagem, que de acordo com Vygotsky (1991), a motivação é um pré-requisito para aprendizagem. Foi perceptível uma ligação existente entre os alunos, quando alguém apresentava dificuldade em algum sinal, outros tentavam ajudar, entendemos assim a existência do que Vygotsky (1991) chama de desenvolvimento proximal, ou seja, o aluno para desenvolver suas habilidades de forma plena, necessita de uma assistência.

O projeto cumpre então um papel perante a sociedade, pois tivemos retornos de pais que acolheram a iniciativa junto a seus filhos, e observaram que eles haviam aprendido alguns sinais e utilizavam em casa, na tentativa de ensinar no contexto familiar. Um outro ponto positivo, foi perceber o respeito dentro da sala de aula com relação a inclusão de outros alunos com Autismo e paralisia cerebral, já não se referiam a eles de forma pejorativa, e efetivamente os incluíam nas atividades diárias do contexto escolar. Um outro ponto louvável, foi a aceitação da escola e a relevância dada por todos os profissionais que compõem a instituição para aplicabilidade do projeto. Vale ressaltar que a professora titular gostaria de disponibilizar um espaço maior para realização, mas haja vista, a escola ainda está vigente em um sistema curricular tradicional e conteudista, a professora não podia ceder o espaço desejado, mas ainda assim foi contra o sistema e deu abertura para que o projeto se realizasse, mesmo que não tenha acontecido com profundidade.

Algo pontual que merece ser ressaltado, foi a percepção tida pela professora titular, a qual não permitiu que as aulas fossem marginalizadas no sistema escolar, pois o projeto fez parte do componente curricular desses alunos no ano vigente oficialmente, uma vez que, foi colocado na caderneta, garantindo assim todas as aulas registradas do projeto. Sabemos que, enquanto professores pesquisadores e em formação, devemos trazer respostas para a sociedade por meio da pesquisa, e a partir da elucidação desse projeto, acreditamos que trouxemos contribuições não só para o espaço escolar, mas para toda sociedade. Sendo assim, enfatizamos a

importância das pesquisas objetivando trazer contribuições para o nosso meio social.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. **História da língua de sinais em Campo Grande – MS**. Petrópolis: ARARA AZUL, 2005. Disponível em: <https://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo12.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.

ALMEIDA, WG. org. **Educação de surdos**: formação, estratégias e prática docente. Ilhéus, BA: Editus, p.197, 2015. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/m6fcj>. Acesso em: 29 abr. 2021.

ARAÚJO, D. M. S.; SILVA, M. C.; SOUSA, W. P. A. **A influência da LIBRAS no processo educacional de estudantes surdos em escola regular**. 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/13124659-A-influencia-da-libras-no-processo-educacional-de-estudantes-surdos-em-escola-regular.html>. Acesso em: 29 abr. 2021.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a política nacional para a integração da pessoa portadora de deficiência, consolida as normas e dá outras providências. **Diário Oficial {da} República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 21 dez. 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm Acesso em: 15 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei Nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2020.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/cCivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 29 abr. 2021.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 29 abr. 2021.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2020.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a lei brasileira da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência). Brasília: **Congresso Nacional**, jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 15 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2018. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.PDF. Acesso em: 19 abr. 2021.

FERNANDES, Francyllayans Karla da Silva. **A identificação de artefatos culturais nos livros em língua portuguesa do autor surdo Claudio Mourão: uma reflexão sobre a relação língua, cultura e literatura**. 2020. 21f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos) – Instituto Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ifpb.edu.br/xmlui/handle/177683/1197?locale-attribute=pt_BR. Acesso em: 28 abr. 2021.

FERNANDES, Francyllayans Karla da Silva; ALVES, Edneia de Oliveira; STUMPF, Marianne Rossi. A escrita de sinais como instrumento de desenvolvimento linguístico e identitário para o Surdo. **Pontos de Interrogação**, v. 10, n. 1, p. 175-192, abr./jun. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/9333>. Acesso em: 29 abr. 2021.

FONSECA, Solange Gomes. **Educação Especial**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus, 2002.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HONORA, Marcia. **Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, desvendando a comunicação pelas pessoas com surdez**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura Surda**. Material elaborado para uso na disciplina “Introdução aos Estudos Literários”, do curso de Licenciatura em Letras Libras, na modalidade a distância. UFSC, Florianópolis, 2008. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf. Acesso em: 30 abr. 2021.

KARNOPP. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação (UFPel)**, v. 19, p. 155-174, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1605/1488>. Acesso em: 30 abr. 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Ed. Moderna, 2003.

MARTINS, Iara F. de Melo. Linguagem, inclusão e ensino. IN: LINS, Juarez Nogueira (Org.). **Estudos na área de linguagem**: ensino, pesquisa e formação docente. Recife: EDUFPE, 2016. p. 17-27.

MOURÃO, Cláudio. **Literatura Surda**: produções culturais de surdos em Língua de sinais. Porto Alegre, 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/32311>. Acesso em: 01 mai. 2021.

NASCIMENTO, Hérika Barbosa. **Inclusão de educandos de comunidades quilombolas em uma escola urbana**: situação e desafios. 2017. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Licenciatura em Educação do Campo) - Universidade de Brasília, 2017. Disponível em: https://jbb.ibict.br/bitstream/1/1185/1/2017_HerikaBarbosaNascimento_tcc.pdf. Acesso em: 13 abr. 2021.

PEREIRA, M.C.C. (org). **LIBRAS**: conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson. Prentice Hale, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes e a identidade da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 15-34.

QUADROS, Ronice Muller de. **Libras**. São Paulo. Parábola, 2019.

RAMOS, Ellen Taline. **Educação Escolar e Formação de Mulheres Presas**. 2013. 161f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://leto.pucsp.br/bitstream/handle/10387/1/Ellen%20Taline%20de%20Ramos.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2021.

REILY, L. **Escola inclusiva**: Linguagem e mediação. São Paulo: Papyrus, 2004.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes**: Uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.

SANTOS, Jonas Sales dos. **Jovens de favela e ensino médio**: trajetórias diversas. 2015. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppgedu/dissertacoes/DissertaoPPGEduJONASSALESDOSSANTOS.pdf>. Acesso em: 30 abr.2021.

SASSAKI, Romeu Kasumi. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

SILVA, Jerry Adriani da. **Diversidade sexual na educação de jovens e adultos (EJA)**: limites e possibilidades da efetivação do direito à educação. 2016. 328f. Tese (Doutorado em Educação) - UFMG/FAE. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-AQPQU3>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SILVA, A. L. S. da. **O pajubá no ENEM**: preconceito e diversidade linguística. 2020. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2020. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/22705/2/PDF%20-%20Andr%C3%A9%20Luiz%20Souza%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STROBEL, Karin. **História da educação de Surdos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

UNESCO. **Políticas educativas e equidad**. Reflexiones del Seminario Internacional. Santiago de Chile, 2004. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000147636?posInSet=1&queryId=N-EXPLORE-76799f6a-678a-4b93-a740-54018c54c7c0>. Acesso em: 29 abr. 2021.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**: os desenvolvimentos dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

APÊNDICE A- TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Estamos cientes da intervenção pedagógica intitulada "*Libras na escola*", a qual foi desenvolvida na turma do 2º ano desta Instituição no ano de 2019, pela cuidadora **JOYCE DA SILVA CRUZ DE MENDONÇA**, e também aluna do curso de Licenciatura Plena em Letras- Português, da Universidade Estadual da Paraíba - Campus III, sob orientação da Prof.^a. Esp. Karla Valéria Araújo Silva. Desta forma, autorizamos que a profissional utilize em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) os resultados gerados durante a intervenção, para fins de análise e publicação científica.

Marí, 03 de maio 2021.

Assinatura e carimbo do responsável institucional

APÊNDICE B- PLANO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Tema do projeto: “*Libras na Escola*”

Público alvo: *2º ano do ensino fundamental I (anos iniciais)*

Objetivo geral: *Promover reflexões sobre a inclusão do sujeito Surdo no contexto social e escolar, como também uma conscientização sobre os preconceitos enraizados em nossa sociedade e o conhecimento de uma segunda língua.*

Procedimentos metodológicos: *Aulas expositivas e dinâmicas, com debates e reflexões, distribuídas em 5 (cinco) etapas, as quais podem ser visualizadas no quadro a seguir:*

ETAPAS	AULAS	OBJETIVO DA ETAPA	DURAÇÃO – HORA/AULA
❖ Primeira etapa	Inclusão, Surdez, alfabeto manual, nomes e números, cores, saudações, estações do ano e animais.	Viabilizar um acesso inicial básico das crianças ouvintes com uma segunda língua.	7 aulas com duração de 2h/a cada
❖ Segunda etapa	Artefatos Culturais do povo Surdo.	Proporcionar reflexão acerca da temática.	5 aulas com duração de 2h/a cada
❖ Terceira etapa	Revisão das aulas através de dinâmicas.	Reforçar de forma mais pontual o conhecimento da Libras.	4 aulas com duração de 2h/a cada
❖ Quarta etapa	Ensaio de uma música em Libras para apresentação e posteriormente a culminância.	Evidenciar os resultados que foram construídos durante todo trajeto do projeto.	7 aulas (6 com duração de 2h/a + 1 com duração de 4h)

Recursos didáticos: *Notebook, internet, slides, imagens, vídeos, quadro, caixinha de som.*

Procedimentos avaliativos: *Participação/envolvimento dos alunos nas atividades desenvolvidas.*

AGRADECIMENTOS

Sem dúvidas, listar é uma tarefa difícil, tendo em vista que são muitas as pessoas que merecem minha gratidão, por isso, de forma cronológica e sintetizada farei estes agradecimentos.

Primeiramente, sou grata a Deus pelo dom da vida, pelas oportunidades preparadas por Ele, por todo seu amor/bondade e misericórdia, que mesmo sendo eu imperfeita e pequenina, Deus tem se feito presente vindo ao meu encontro, me guiando e me chamando de filha.

À minha família, em especial aos meus pais - Josinete e José Carlos - que desde a minha infância me incentivaram a estudar e criar asas para esse mundo que é um sonho de tantos e que deveria ser um direito de todos; estendo aqui meus agradecimentos ao meu esposo - Allan - que durante todo esse percurso foi suporte, zelo e amor me fazendo sempre acreditar em dias melhores; e aos meus irmãos - Jhonatan e Joalyson - que são donos dos sorrisos que emanam esperança e afeto.

Ao prezado docente Gilmar Feliciano, por todo incentivo e acolhimento no meu ensino médio, como também, nos anos seguintes.

A minha tríade inspiração composta por grandes mulheres que me representam de forma singular, são elas: Danielle Coppi, Francyllayans Karla e Karla Valéria. A professora Danielle que através do seu amor pela profissão me proporcionou enxergar novos horizontes no que se refere à língua, e mais do que isso, ensinou sobre empatia; Francyllayans que chegou na minha vida em um momento de muita angústia e incerteza, mas fez nascer em mim o desejo pela pesquisa e reforçou minha paixão através do seu lecionar pela Língua Brasileira de Sinais.

A minha querida orientadora Karla Valéria, a qual ressignificou meu olhar pela pesquisa, que aceitou com muita responsabilidade e competência a orientação deste trabalho, que esteve de mãos dadas comigo antes e depois de todo processo da escrita me auxiliando em todos os momentos com muito carinho e dedicação, além dos diversos conselhos dados a mim.

Externo minha gratidão a estas mulheres mencionadas acima. É extremamente difícil sintetizar o quão significativas para minha construção enquanto futura docente vocês foram/são. Sinto-me extremamente honrada por tê-las nesse findar de ciclo.

Ao meu amigo Gabriel Fernandes, o qual foi meu primeiro presente da UEPB, e hoje é meu parceiro da vida acadêmica, ele sonha junto comigo e faz acontecer. Ao querido André Luiz que sempre foi luz nesse trilhar e a minha amiga Ana Caroline, a qual está presente em minha vida há nove anos, sendo força, alento e calma. Aos que não foram citados e que contribuíram de forma direta ou indireta nessa formação, sintam-se representados. Gratidão!